

INTERFACE ENTRE LINGUÍSTICA, TERMINOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO

Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
Escola de Comunicações e Artes (ECA)
Universidade de São Paulo (USP)

Marilda Lopes Ginez de Lara

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
Escola de Comunicações e Artes (ECA)
Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO

Apresenta reflexão na interface entre Linguística, Documentação e Terminologia salientando os aspectos que se relacionam à proposição de procedimentos pedagógicos voltados à formação do documentalista. Destaca-se a superioridade da linguagem natural como lugar original do significado para mostrar seu papel privilegiado de acesso ao conhecimento, a que devem corresponder metodologias de ensino e aprendizagem que permitam compreender o lugar da linguagem de especialidade, bem como o da linguagem das atividades documentárias. Discute a proposta da Linguística Documentária que, no diálogo com a terminologia, procura salientar as funções dos percursos onomasiológicos – da emissão à conceptualização (do conceito ao termo) - e semasiológicos – da recepção e interpretação (do termo ao conceito), na formação do documentalista, apresentando, em seguida, breve síntese de experiência didático-pedagógica.

Palavras-Chave: Linguística; Documentação; Terminologia; Linguística Documentária; Formação do Documentalista.

1 INTRODUÇÃO

Desde 1990, estudos desenvolvidos na interface Linguística, Documentação e Terminologia objetivam a elaboração de metodologias tanto para o tratamento e recuperação da informação quanto para a construção de linguagens documentárias. No âmbito da Ciência da Informação semelhante interface encontra-se formalizada no subcampo denominado Linguística Documentária, cujo objetivo inicial é fortemente associado à elaboração de linguagens e procedimentos para o

tratamento da informação, expandindo-se mais recentemente em direção às propostas de organização, representação e disseminação da informação. Os estudos empreendidos permitem abordar com consistência, inimaginável à época do uso de instrumentos de natureza universal, questões específicas da cultura e da recepção, instituindo a ordem da informação na sua dimensão social. Face a isso, as atividades documentárias não só têm alterado o seu escopo como também sua natureza. No entanto, na prática o que se observa é não raro apenas a teoria, já que os esforços empreendidos na constituição do subcampo não vieram acompanhados de metodologias de ensino compatíveis para a operacionalização do conhecimento nele produzido. Nesse sentido, o presente texto expõe, em cinco partes, alguns fundamentos da Linguística Documentária que permitem superar o fosso entre a teoria e a sua tradução para fins de formação.

Na primeira parte, referimo-nos à superioridade da linguagem geral ou natural como lugar original do significado, mostrando que as diferentes metodologias termino-documentárias, ao privilegiar determinados aspectos da linguagem, não corroboram com a concepção geral de sistema semiótico, propondo as diferentes linguagens como conjuntos disjuntos. No entanto, o reconhecimento da Linguagem geral como meio de acesso ao conhecimento justifica as metodologias de ensino e aprendizagem propostos pela Linguística Documentária, as quais se fundamentam na concepção de linguagem geral e nela integram o funcionamento da linguagem de especialidade. Como decorrência, na segunda parte, apresentamos uma proposta para a composição da interface entre a Linguística Documentária e a Terminologia, cujo foco na Documentação permite a elaboração de quadros de referência comprometidos com a atividade documentária. Em seguida, relatamos sumariamente uma experiência de cunho didático que mobiliza conhecimentos da Terminologia e da Documentação. Posteriormente, apresentamos sinteticamente uma experiência decorrente da anterior em que, a partir de uma pesquisa de iniciação científica, são trabalhados conceitos em que há grande variação conceitual. Como conclusão, apresentam-se indicadores que demonstram que as experiências desenvolvidas contribuem não só para o avanço da formação do

documentalista, mas também para a discussão contemporânea da Terminologia sobre o seu próprio objeto.

2 A LINGUAGEM GERAL

A idéia de que a linguagem é o lugar original do significado é tão consensual quanto a noção de que convivemos com várias linguagens, o que leva necessariamente a admitir que existe uma relação entre significado e contexto linguístico. Esse aspecto social da linguagem não só a configura como objeto de estudo, mas também permite abordá-la sob pontos de vista associados a diferentes metodologias que evidenciam aspectos aparentemente diferentes de um evento único.

Sob a ótica da história social da linguagem, por exemplo, a observação dos diferentes modos de interpretação conduziu, não raro, à idéia da existência de uma hierarquia entre as linguagens utilizadas por uma mesma comunidade. A importância de tais estudos associa-se à reflexão que induzem sobre as relações entre linguagem e poder as quais, por sua vez, necessitam ser analisadas no âmbito da própria distribuição da linguagem, isto é, das políticas de ensino e de uso. Integram também os estudos dessa natureza as línguas escritas que exercem algum poder especial, como é o caso do discurso religioso.

A linguagem de especialidade e a linguagem de tratamento da informação, embora sejam motivo de estudos mais técnicos participam dessa categoria e não raro são consideradas linguagens artificiais, porque não são adequadamente interpretadas pela sociedade. Ao lado desse aspecto excludente da atividade linguística é necessário também reconhecer que a definição do campo da Linguística que alinha sistemas sígnicos e realidade cultural atribuindo a eles fundamentalmente a função de *re-criar* - “[...] criar de novo essa realidade” (LOPES, 1987, p.16) indica de forma bastante objetiva as funções criadoras e tradutoras da linguagem.

A compreensão efetiva de tais funções relaciona-se à propriedade essencial do signo de comportar-se tanto como signo objeto quanto como meta-signo. Semelhante propriedade fundamenta não só a noção de semiose ilimitada, mas

também a de hierarquização dos sistemas semióticos, postulando a noção de modelização. As línguas naturais, ditas comuns, “[...] ocupam a posição hierárquica predominante entre todos os sistemas semióticos porque elas constituem a *única realidade imediata para o pensamento de cada um de nós*” (LOPES, 1987, p.20). Dada essa capacidade de traduzir qualquer outro sistema signífico, as linguagens naturais recebem o nome de sistema semiótico ou modelizante primário.

Nesse sentido, qualquer linguagem de especialidade é parte integrante da língua geral e natural. O vocabulário de especialidade compartilha igualmente essa característica, de modo que o signo linguístico pode se realizar quer seja como palavra, quer seja como termo, quer seja como descritor, no caso da linguagem de tratamento da informação ou documentária. É justamente essa concepção do signo que fundamenta teoricamente a Linguística Documentária e estrutura a forma pela qual ela opera com a palavra, o termo e o descritor, ou seja, o modo pelo qual articula os diferentes níveis de significação.

Coseriu (1969, p.17) se vale de uma metáfora para explicar a relação entre os níveis de abstração – por exemplo, o conceito na linguagem de especialidade – e o nível do fenômeno concreto da fala.

Y otro punto fundamental es que el botánico comprenda que los tipos ideales a los que ha llegado no tienen existencia autónoma en un mundo aparte, no existen fuera de las flores concretas e independientemente de ellas; que las formas abstractas resumen y generalizan lo concreto, pero no se le oponen. Queremos decir que es sumamente importante no considerar la abstracción como otra realidad, sino sólo como un aspecto formal y sistemático comprobado, por necesidades científicas, en los mismos fenómenos concretos, como una manera de encarar aquella realidad única e indivisible que es el lenguaje humano.

Através desse argumento Coseriu evidencia que existe uma dinâmica linguística que corrobora a função modelizante primária da linguagem natural (também denominada geral ou comum) que faz com que o conhecimento de um tipo de linguagem sustente o conhecimento de outro tipo. Reforça, portanto, a idéia de que vivemos uma cultura de comunicação em que o contato entre diferentes linguagens fundamenta não só a ampliação das formas interpretativas, mas também consolida fluxos de comunicação na sociedade.

Seguindo uma linha de raciocínio semelhante, Sager (1993) enfatiza que, a par da importância das terminologias no mundo contemporâneo para a promoção de comunicação eficiente entre especialistas; para o grande público o vocabulário de especialidade “[...] no es más que una jerga de especialistas para engañar, confundir o impresionar con conocimientos superiores [...]” (SAGER, 1993, p.11). Tal situação ambígua advém da aludida idéia da separação entre as linguagens. Com ela sucumbe a possibilidade de as terminologias promoverem uma efetiva mediação prática para o acesso ao conhecimento técnico-científico.

Sager considera que tal dificuldade com a terminologia associa-se ao incipiente conhecimento que se tem sobre os mecanismos da informação e da comunicação, que se reflete, por sua vez, no estudo autônomo das diferentes linguagens e léxicos. Com isso se oculta a propriedade comum compartilhada pelos sistemas linguísticos. O conceito de linguagem geral que dá conta dessa propriedade comum supõe:

- a) o funcionamento modelizante primário da linguagem natural – o aprendizado das linguagens de especialidade se faz através dela;
- b) a existência de diferentes níveis de conhecimento da linguagem de especialidade – os tradutores e intérpretes, por exemplo, compreendem textos especializados sobre a produção de carros, mas são incapazes de produzi-los (SAGER, 1993, p.14).

O ensino da linguagem de especialidade, especialmente os recursos metodológicos utilizados para tanto, depende do nível de conhecimento exigido pela formação do documentalista. Segundo a Linguística Documentária (LTD), parte-se da linguagem geral para entender o funcionamento das linguagens de especialidade e da relação destas com a linguagem de tratamento da informação. De modo específico cabe à LTD harmonizar a função descritiva da palavra, prescritiva do termo e normalizadora do descritor, integrados a linguagem geral. Entende-se então que a mediação prática que irá exercitar o documentalista supõe o domínio de uma mediação prática que deve ser construída durante o processo de ensino aprendizagem.

3 LINGUÍSTICA DOCUMENTÁRIA E TERMINOLOGIA

Ao largo da integração proposta pela concepção de língua geral e da concepção de signo adotada pela LTD, o ensino da Terminologia para a formação do documentalista vem se processando de forma estanque.

O campo teórico da Terminologia, tal como foi proposto por Wüster, predominou durante muito tempo nos estudos terminológicos através da Teoria Geral da Terminologia. Fundamentando-se nas dicotomias termo e palavra e onomasiologia e semasiologia, tal teoria propõe o vocabulário da área de especialidade – denominado terminologia - como um sistema de conceitos - considerado universal. O importante, então, é o estabelecimento de uma relação biunívoca entre conceito e termo para a efetivação da comunicação eficiente entre os pares.

A Teoria Geral da Terminologia (TGT), ao viabilizar a relação unívoca entre o conceito e o termo, apresenta uma solução sedutora para os problemas linguísticos enfrentados pela Documentação. Com ela, de fato, se consolida, por exemplo, a idéia do signo monossêmico, importante para conferir credibilidade ao tratamento da informação e confiabilidade aos sistemas de recuperação da informação. No entanto, semelhante proposição, não só se vale da concepção autônoma de linguagem de especialidade – promovendo o estreitamento do “*locus*” interpretativo - mas também compromete a compreensão de que a seleção das unidades documentárias – descritores e não descritores – é feita face ao contexto discursivo.

No entanto, é preciso ir além para entender a extensão de tal procedimento. Embora se considere hoje que a terminologia seja o conhecimento linguístico sobre uma matéria, é preciso reconhecer que para a TGT, essa proposição não está suficientemente clara. Para Wüster, de fato, terminólogo e especialista são termos sinônimos: os especialistas são “[...] los únicos que poseían el conocimiento suficiente sobre una materia para encontrar los términos más adecuados” (CABRÉ, 2005).

A primazia do conceito sobre o termo – ou do significado sobre o significante –, no caso aludido, é factível porque cabe ao especialista a elaboração do próprio

vocabulário. De fato, apenas o especialista pode operar com o conhecimento sobre os conceitos de uma matéria para a seleção das denominações mais adequadas. Assim, a concepção onomasiológica que rege o trabalho terminológico não pode ser universalizada como recurso prático. Basta que seja submetida a uma reflexão mais profunda para que a sua fragilidade venha à tona.

Em situação semelhante se viu a Documentação quando adotou o tesauro como instrumento de tratamento da informação para fins de recuperação. A Documentação toma essa idéia da obra de Peter Market Roget, intitulada *Thesaurus of english words and phrases, classified and arranged so as to facilitate the expression of ideas and assist in literary composition*, publicada em 1852 (ROGET, 1970). Já que se trata de um dicionário de língua geral, Roget alinha conceitos e expressões, valores e suas formas de expressão. Por isso os dicionários de caráter onomasiológicos são denominados também dicionários terminológicos, ideológicos ou analógicos.

A forte relação entre a Terminologia e a Documentação se estabeleceu tradicionalmente a partir da orientação onomasiológica. Essa tendência, no entanto, é tributária da Lógica, e reconhece fundamentalmente apenas o papel nomeador da linguagem. Tal concepção tende a considerar os processos de conceptuação como independentes e anteriores à sua expressão na língua. A Linguística Documentária, no entanto, ao reconhecer a natureza linguística dos procedimentos documentários, sugere combinar os dois procedimentos – onomasiológico e semasiológico-, motivada e fundamentada tanto na experiência prática de construção de linguagens documentárias, quanto no reconhecimento, como sugere Béjoint (1989), de que o terminólogo realiza, quase simultaneamente, a atividade de inventariar os sentidos de cada forma e a de circunscrevê-los com referência aos conceitos formulados no domínio explorado.

Entende-se por onomasiologia a atividade linguística que parte da idéia ou significação e identifica as possíveis palavras para expressá-la. Esse procedimento permite descrever as várias formas pelas quais a idéia encontra sua expressão nas palavras. Portanto, os processos de denominação – da idéia para o signo - estão na base dos estudos de natureza onomasiológica.

A orientação onomasiológica é importante para a Terminologia porque fornece embasamento para a prescrição da relação conceito-termo. Já para a Documentação ela operacionaliza a comparação que é a base da normalização, como por exemplo, a relação de equivalência nos tesauros. No entanto, é uma orientação inócua como metodologia de aprendizagem. Não raro ouvimos que cabe aos especialistas o desenvolvimento de atividades documentárias associadas à estruturação do sistema conceitual. Tal afirmação está efetivamente fundamentada na priorização do procedimento onomasiológico, rotineiro na atividade do terminólogo.

Pottier (1992) entende que o percurso da enunciação envolve posições relativas tanto ao enunciador (emissor) quanto ao enunciatário (receptor) que correspondem aos percursos onomasiológicos e semasiológicos, respectivamente. Nesse sentido, do conceito ao dito, tem-se a onomasiologia, e do dito à sua interpretação, a semasiologia. Logo, a orientação onomasiológica é da categoria do enunciador e a semasiológica é da categoria da recepção.

Entende-se, portanto, que a proposição de uma terminologia ou de um tesauro sustenta-se prioritariamente na orientação onomasiológica. Parte-se da conceptualização de uma idéia, do mundo referencial, expressa em seguida em signos, segundo os meios fornecidos pelo sistema da língua geral. Em termos hjelmeslevianos, parte-se da substância do conteúdo para a forma do conteúdo, valendo-se dos processos de designação.

Já para fins de aprendizagem tal orientação não é adequada. Para o sucesso desse processo é preciso viabilizar uma orientação semântica condizente com a categoria da recepção, isto é, do intérprete que face ao discurso o conceitualiza. Observa-se que para Pottier, independentemente do lugar de partida, a comunicação se realiza em nível conceptual. É importante também assinalar que ambas as orientações fundamentam a forte relação entre a linguagem e o pensamento. Isto porque a onomasiologia responde pela transformação das representações mentais em textos, enunciados e discursos – parte do conceito – enquanto que a semasiologia orienta a interpretação desses mesmos objetos – chegando ao conceito. Para isso, a orientação semasiológica dispõe de etapas: a

primeira diz respeito aos contextos em que aparece a unidade e, em seguida, à sua inserção em paradigmas.

Essa compreensão dos processos de significação e interpretação – filtros termino-linguísticos - que faz a LDT, permite compatibilizar mediações práticas com os objetivos comunicacionais das terminologias e da recuperação da informação das linguagens documentárias. Reconhece-se, por essa via, que os procedimentos onomasiológicos e semasiológicos são associados e interdependentes e que as metodologias de aprendizagem no âmbito da Documentação devem conjugá-los.

4 ELABORAÇÃO DE VOCABULÁRIO COM ORIENTAÇÃO SEMASIOLÓGICA: EXPERIÊNCIA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Como já afirmamos em trabalhos anteriores (LARA; TÁLAMO, 2006, a, b, c) e (TÁLAMO; LARA, 2007), a exploração da interface Terminologia-Documentação, com foco na formação do documentalista, é viabilizada por meio de uma disciplina de curso de graduação em Biblioteconomiaⁱ. A disciplina introduz o escopo da Terminologia salientando a possibilidade de apropriação de conhecimentos para a Documentação operando, ao lado do exame de textos teóricos, a partir da exploração de pequenos *corpora* em graus crescentes de especialização. No processo são utilizados instrumentos terminológicos e documentários, visando a identificação do vocabulário conceitual e do vocabulário funcionalⁱⁱ e o uso de procedimentos de descrição terminológica. Procura-se, simultaneamente, trabalhar as tipologias de textos no interior da linguagem geral – do cotidiano, de divulgação, especializados – e as características e funcionalidades da palavra, do termo e, descritor. Pretende-se que o aluno compreenda os diferentes níveis de linguagem e suas características.

Os trabalhos práticos dos discentes incidem sobre textos de temáticas atuais que são analisados com o objetivo de identificar características nocionais, semelhança, diferença e relações entre conceitos, comparação de atributos e traços semânticos, destacando-se as condições de uso, ou os contextos comunicacionais, como o lugar da terminologização (atualização do termo) e da atualização da palavra.

O processo vivenciado permite que os alunos não só interpretem os discursos, mas também assimilem os conceitos em jogo e proponham uma nota de escopo, próxima a uma definição operacional para o termo. Confirma-se, desse modo, que a partir do procedimento semasiológico os alunos dispõem de elementos para interpretar as informações reunidas, podendo propor, em seguida, a expressão da conceptualização (processo onomasiológico). Essa é a condição para compreender teoricamente a organização de sistemas de conceitos, já que a expressão do domínio obtida por abstração crescente os desvincula dos textos de origem. Do mesmo modo, essa abstração permite propor a organização de árvores conceituais correspondentes ao domínio, ou parte dele, focalizado. Tais árvores, por seu turno, permitem trabalhar conceitos documentários de categorias e categorização, noções essenciais para vincular os resultados do procedimento terminológico aos objetivos de organização e representação da informação segundo os sistemas informacionais visados. Das noções intuitivas de conjunto e graus de generalidade, passa-se às noções lógico-linguísticas de encaixe, de associação por contiguidade espaço-temporal e de sinonímia.

A experiência permite mostrar que a articulação dos percursos semasiológico e onomasiológico cria condições para que os alunos proponham a rede relacional do tesouro documentário, realizando de forma consistente a distribuição dos termos segundo os níveis de superordenação, subordinação, associação e equivalência. A observação dos termos nos seus contextos de uso substitui a organização empírica por outra fortemente vinculada à literatura de especialidade.

5 A APROPRIAÇÃO DOS RESULTADOS DA DISCIPLINA: UM TRABALHO SOBRE UM CORPUS COM VARIAÇÃO CONCEITUAL

Os resultados da experiência didático-pedagógica refletem-se na formação dos alunos e podem ser observados nos trabalhos por eles desenvolvidos posteriormente. Saliente-se que em função dos graus de complexidade do trabalho terminológico e o nível de formação dos alunos - estágio de graduação e formação básica – são escolhidos propositalmente, de início, textos nos quais a variação não é

muito expressiva, uma vez que sua manifestação demandaria um trabalho mais aprofundado. No entanto, verifica-se que a apropriação dos conceitos terminológicos e linguísticos pós-disciplina se revela, na elaboração de trabalhos de iniciação científica, modalidade de pesquisa individual orientada pelo professor, como promissora para trabalhar textos onde a variação ocorre com maior intensidade.

A título de exemplo apresentamos uma pequena parte de uma experiência com textos relativos aos conceitos de 'museu, museologia e museografia', destacando algumas fichas do termo 'museu' cujos contextos mostram existir convivência de noções e modos de delimitação divergentes em função das transformações que ocorrem no campo de conhecimento e de atividade. Casos semelhantes demonstram, com maior ênfase, a importância da associação entre procedimentos semasiológicos e onomasiológicos, uma vez que limitar, na Documentação, as operações a partir exclusivamente dos procedimentos onomasiológicos significaria retirar o fundamento que leva à possibilidade de interpretação. Dito de outro modo, o aluno tem a oportunidade de verificar, no cotejamento dos textos, os elementos para sua compreensão, identificando, também, a variação no entendimento de conceitos ao longo do tempo e/ou segundo as diferentes abordagens, o que lhe propicia a oportunidade de se apropriar, efetivamente, do conhecimento produzido.

FICHA	CONTEXTO	FONTE
1	Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais e imateriais dos povos e seu ambiente.	International Council of Museum (ICOM). <i>Código de ética para museus</i> . Trad. do Comitê Brasileiro do ICOM, 2005.
3	A Associação Americana de Museus apresenta uma definição um pouco mais detalhada: museu é uma "instituição estabelecida, sem fins lucrativos, que não se ocupa prioritariamente de exposições temporárias, aberta para o público e administra para o bem público, com a finalidade de conservar, preservar, estudar, interpretar, colecionar e exibir para o público, para sua instrução e fruição, objetos e espécies de valor educativo e cultural, incluindo material artístico, científico (seja animado ou inanimado), histórico ou tecnológico. Museus assim definidos devem também incluir jardins botânicos, zoológicos, aquários, planetários, sociedades históricas que preencham os requisitos acima referidos.	COELHO, Teixeira. <i>Dicionário crítico de política cultural: política e imaginário</i> . São Paulo: Iluminuras; FAPESP, 1997. p.272.

5	O Museu, por sua vez, corresponde ao modelo institucional vocacionado à construção e à administração da memória, a partir de estudo, tratamento, guarda e extroversão dos indicadores culturais, materiais e imateriais (referências, fragmentos, expressões, vestígios, objetos, coleções, acervos), mediante o cumprimento de três funções básicas: científica, educativa e social.	LEÓN, A., 1978, citado por BRUNO, M. C. O.). Museologia e Museus: os inevitáveis caminhos entrelaçados. <i>Cadernos de Sociomuseologia</i> , n.25, 2006.
8	Os museus, nas últimas décadas, têm desempenhado um papel relevante e específico no campo da democratização da cultura, rompendo as barreiras dos seus espaços tradicionais, procurando novos públicos e criando exposições que incorporam linguagens mistas. Estas instituições experimentam novos modelos de gestão, aproximam-se em programas de redes e sistemas sem, entretanto, perder a noção de seu campo essencial de atuação.	BRUNO, Maria Cristina O. Principais campos da ação museológica, p.7, 2004. (Texto didático da disciplina "Museologia: comunicação/Educação")
10	Discussões intensas têm sido travadas com o objetivo de definir ou prever os caminhos futuros dos museus. Tradicionalmente, na modernidade, como coleção o museu tinha (e tem) a função de preservar e apresentar artefatos culturais selecionados como representativos dos pontos altos de uma cultura. Sob esse aspecto, o museu resguardava uma herança ao mesmo tempo em que criava cânones, marcados pelo estabelecimento de fronteiras entre o que ficava "de fora" e o que era admitido no cenário cultural	COELHO, Teixeira. <i>Dicionário crítico de política cultural</i> : política e imaginário. São Paulo: Iluminuras; FAPESP, 1997. p.272.
15	O museu tradicional tinha, com exceções indiscutíveis, o caráter de souvenir, marcado pela idéia de prestígio e com um complexo faraônico. O museu moderno teve como intenção se tornar a memória da sociedade e de influenciar e instruir o mundo. O museu do futuro, tal como já se encontra a caminho, objetiva realizar uma atitude dinâmica para com o presente e o futuro, vendo o passado como uma fonte de inspiração valiosa para um total compromisso com o dia a dia. O objetivo de tal museu (ou melhor, de tal atitude, uma vez que não falamos agora somente de museus, pelo menos não na acepção usual do termo) é criar tal relacionamento entre o homem e o universo que seja um relacionamento harmonioso, onde esta própria conscientização se tornaria a própria consciência. O museu moderno foi criado em resposta a uma necessidade de estabelecer a identidade [...]	SOLA. Tomislav. Contribuição para uma possível definição de museologia. <i>Cadernos Museológicos</i> , v.2, n.3, 1990.

Figura 1: Fichas com os Contextos Relativos à Museu.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Ao elaborar as fichas de coleta, o aluno intuitivamente seleciona os segmentos que remetem àquilo de que se fala. Opera, nesse sentido, com atualizações das expressões nominais, que face ao caráter dinâmico do discurso, submetem-se a reformulações e transformações. São nelas – nas atualizações – que se adquire o saber. Em seguida, o aluno desenvolve uma atividade que consiste

na elaboração de conjunções sobre a heterogeneidade segundo a lógica da categorização, conforme o exemplo que segue:

FICHA	MODELO INSTITUCIONAL	ATIVIDADES/ FUNÇÕES	ABRANGÊNCIA
1	[...] é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público [...]	[...] que adquire, conserva, pesquisa, divulga, expõe para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais e materiais dos povos e seu ambiente.	
3	[...] instituição estabelecida, sem fins lucrativos, que não se ocupa prioritariamente de exposições temporárias, aberta para o público e administra para o bem público.	[...] conservar, preservar, interpretar, colecionar e exibir para o público, para sua instrução e fruição, objetos e espécies de valor educativo e cultural [...]	[...] Museus assim definidos devem também incluir jardins botânicos, zoológicos, aquários, planetários, sociedades históricas [...]
5	[...] modelo institucional vocacionado à construção e administração da memória [...]	[...] a partir de estudo, tratamento, guarda e extroversão dos indicadores culturais, materiais e imateriais (referências, fragmentos, expressões, vestígios, objetos, coleções, acervos), mediante o cumprimento de três funções básicas: científica, educativa e social.	
8	Os museus, nas últimas décadas, têm desempenhado um papel relevante e específico no campo da democratização da cultura, rompendo as barreiras dos seus espaços tradicionais, procurando novos públicos e criando exposições que incorporam linguagens mistas.		
10		[...] a função de preservar e apresentar artefatos culturais selecionados como representativos dos pontos altos de uma cultura.	[...] o museu resguardava uma herança ao mesmo tempo em que criava cânones, marcados pelo estabelecimento de fronteiras entre o que ficava 'de fora' e o que era admitido no cenário

			da cultura.
15	O museu tradicional tinha, com exceções indiscutíveis, o caráter de souvenir, marcado pela idéia de prestígio e com um complexo faraônico. O museu moderno teve como intenção se tornar a memória da sociedade e de influenciar e instruir o mundo. O museu do futuro, tal como já se encontra a caminho, objetiva realizar uma atitude dinâmica para com o presente e o futuro, vendo o passado como uma fonte de inspiração valiosa para um total compromisso com o dia a dia.		O objetivo de tal museu (ou melhor, de tal atitude, uma vez que não falamos agora somente de museus, pelo menos não na acepção usual do termo) é criar tal relacionamento entre o homem e o universo que seja um relacionamento harmonioso, onde esta própria conscientização se tornaria a própria consciência. O museu moderno foi criado em resposta a uma necessidade de estabelecer a identidade [...]

Figura 2: Termo: Museu/Características.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Observa-se que o percurso interpretativo que encaminha a síntese da leitura – que servirá de base para a elaboração do vocabulário documentário – reconhece a função modelizante da linguagem geral e a natureza investigativa e exploratória da atividade de categorização. Permite, por isso, que o aluno examine os contextos em que a expressão designativa se insere e elabore sínteses a partir de análises, ao invés de reproduzir conceitos que simplesmente lhe são subministrados.

6 OBSERVAÇÕES FINAIS

Os avanços dos estudos teóricos, das pesquisas compartilhadas por diferentes áreas de conhecimento são testados e ganham visibilidade quando integrados às estratégias de ensino-aprendizagem. A Linguística Documentária, como campo da Ciência da Informação, busca a harmonização de teorias para a elaboração não só de procedimentos metodológicos para a construção de sistemas

para a organização e recuperação do conhecimento, mas também de estratégias de ensino.

A proposta apresentada resulta basicamente de uma releitura crítica dos procedimentos da TGT à luz da prática documentária e dos avanços da Linguística no que tange especialmente aos estudos dos processos de significação envolvidos na constituição do léxico.

O conceito de linguagem geral inspirado nas noções de modelização e interpretações com orientações semasiológicas mostra-se suficientemente explicativo, não só para fundamentar o modo pelo qual o documentalista opera com diferentes linguagens, ao largo da idéia da disjunção de linguagens, mas também para corroborar a natureza integrativa ou multidisciplinar da própria Ciência da Informação.

Nesse sentido, a contribuição da Linguística Documentária é de extrema importância, já que integra aos processos de ensino, a interdisciplinaridade, com as noções de linguagem geral, do termo e da palavra como o lugar da manifestação de traços que, embora diferentes, servem como meio de trânsito interpretativo. Observa-se que a discussão atual da Terminologia consiste justamente na dificuldade de harmonizar um objeto plural ou poliédrico, como é o termo, em uma concepção unitária. Dito de outro modo, como dar conta da unidade do objeto a partir de diferentes vertentes (CABRÉ, 2005). Essa situação bastante comum nas ciências sociais aplicadas tem na proposta aqui apresentada uma possível saída associada à concepção do múltiplo ou da diferença como manifestações típicas de um sistema complexo que permite a interpretação de qualquer outro que participe da natureza semiótica.

REFERÊNCIAS

BÉJOINT, H. À propos de la monosémie en terminologie. **Meta**, v.34, n.3, p.405-411, 1989.

BURKE, P.; PORTER, R. **Linguagem, indivíduo e sociedade**. São Paulo: Unesp Editora, 1993.

CABRÉ, M. T. La terminologia, una disciplina en evolución: pasado, presente e algunos elementos de futuro. **Revista Debate Terminológico**, v.3, n.1, 2005.

Disponível em: <http://www.riterm.net/revista/n_1/cabre.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2007.

COSERIU, E. **Teoria del Lenguaje y Lingüística general**. Madrid: Gredos, 1969.

DUBUC, R. **Manual práctico de Terminología**. 3.ed. Santiago de Chile: Unión Latina; Ril, 1999.

LARA, M. L. G.; TÁLAMO, M. F. G. M. Uma experiência na interface Linguística Documentária e Terminologia. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v.8, 2007. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out07/Art_01.htm>. Acesso em: 08 abr. 2008.

LARA, M. L. G.; TÁLAMO, M. F. G. M. Linguística documentária e terminologia: experiência didática na interface das disciplinas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces teóricas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação, 7., 2006, Marília. **Anais...** Marília: Unesp; ANCIB, 2006(a). CD-ROM

LARA, M. L. G.; TÁLAMO, M. F. G. M. O ensino da Terminologia na formação em Documentação. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA: Terminología, conocimientos, sociedad y poder, 10., 2006, Montevideo. **Anais...** Montevideo, 2006(b).

LOPES, E. **Fundamentos da Linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1987.

POTTIER, B. **Sémantique générale**. Paris: PUF, 1992.

ROGET'S Thesaurus of english words and phrases, classified and arranged so as to facilitate the expression of ideas and assist in literary composition. London: Longman, 1970.

SAGER, J-C. La terminologia, puente entre varios mundos. In: CABRÉ, M. T. **La Terminologia: teoria, metodologia, aplicaciones**. Barcelona : Editorial Antártida/Empúries, 1993.

TÁLAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. G. O campo da Linguística Documentária. **Transinformação**, Campinas, v.18, n.3, p.203-211, 2006(c). Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/index.php>>. Acesso em: 02 jun. 2007.

TÁLAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. G. de. Los filtros término-lingüísticos para la actividad documental. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ORGANIZACIÓN DEL CONOCIMIENTO, TERMINOLOGÍA Y BIBLIOTECOLOGÍA, 1., Ciudad de México. **Trabalho Apresentado...** Ciudad de México: CUIB/UNAM, 2007.

Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
Escola de Comunicações e Artes (ECA)
Universidade de São Paulo (USP)
Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443
Cidade Universitária - Butantã
São Paulo – SP
Brasil
E-mail: mfgmtala@usp.br

Marilda Lopes Ginez de Lara

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
Escola de Comunicações e Artes (ECA)
Universidade de São Paulo (USP)
Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443
Cidade Universitária - Butantã
São Paulo – SP
Brasil
E-mail: larama@usp.br

ⁱ “Introdução à Terminologia para a Documentação” é uma disciplina optativa do Curso de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP.

ⁱⁱ O vocabulário conceitual é relativo aos termos que, por sua forma ou significado, denominam as realidades específicas da especialidade; já o vocabulário funcional é constituído das expressões da linguagem natural que fazem parte do vocabulário dos especialistas (DUBUC, 1999).